

Um mergulho na evasão escolar

» EDUARDO NEIVA

Professor emérito de estudos de comunicação da Universidade de Alabama em Birmingham (EUA) e escritor

Jogados ao mar, o novo romance de Cristovam Buarque, é escrito à maneira das histórias de detetive. A narrativa começa na mente de um repórter investigativo de um influente jornal da nossa capital federal. O tema das laudas encomendadas ao repórter é de fundamental importância para o destino do país: a evasão escolar. O autor aborda frontalmente assuntos que estão profundamente arraigados às questões que geram os problemas sociais e culturais do nosso país, como a escravidão que se mantém até os dias de hoje numa falsa roupagem.

Dados estatísticos revelam que, apesar de frequentar com regularidade a esfera pública brasileira, o tema da evasão escolar não tem sido visto com a seriedade de seus efeitos na vida de todos os brasileiros, mas são enfrentados pelo personagem chamado Véspera — o diretor de uma escola pública, descendente direto de escravizados africanos, que luta como pode contra esse mal.

Sem que muitos cidadãos compreendam, a escola deve prioritariamente ensinar, fomentar, disseminar conhecimento sem o quais o país naufragará num mar de ignorância e despreparo. A paisagem educacional que contemplamos hoje deveria nos aterrorizar e encher de cautela e medo. Essa é uma das questões cuidadosamente abordadas em *Jogados ao mar*, um livro de ficção que levanta problemas reais e sugere soluções e temas a serem pensados e debatidos por todos que se preocupam com a qualidade de vida no Brasil.

“Transformamos as escolas em restaurantes mirins”. Apesar do paliativo parecer eficaz, deturpa-se irremediavelmente a função da escola quando a reduzimos a partidos políticos, quadras de esportes, templos religiosos e quartéis militares pelo simples fato de que essas instituições estão em direta contradição com a autonomia libertária que rege o verdadeiro propósito da educação. O papel social da educação num país decente estaria naturalmente restrito a disseminar equações, ensinar procedimentos gramaticais, promover o entendimento da sensibilidade artística, entre muitas outras formas.

A escravidão e o trabalho servil foram abolidos, mas as suas sombras persistem. O tetravô de Véspera foi escravizado, trazido para o Brasil por um traficante e não tinha poder sobre a própria vida. A retomada da viagem, atirou-se ao mar, mas “ele não conseguiu morrer. Sua vida não lhe pertencia”. Precisamos deixar de nos comportar como se não fôssemos responsáveis por nossas vidas, como foi o caso do personagem.



“A escola é o útero da liberdade”. Um país de deseducados estará constantemente à mercê dos demagogos autoritários e inúmeros vigaristas de plantão que nos entorpecem com migalhas de conhecimento e crenças das mais variadas. Temos o direito a uma educação que nos transforme como país. Ainda que não sejam essas palavras da corrente de consciência do repórter investigativo do romance do professor e educador Cristovam Buarque, podemos até contemplar o pódio de medalhistas unânimes de uma única raça ou gênero de cidadãos historicamente oprimidos, mas continuaremos vendo a mesma inútil paisagem de desolação cívica e social. De mãos dadas com os delírios de superioridade racial que iludiram Adolf Hitler nas primeiras Olimpíadas de Paris.

Por mais gigantesca que seja uma nação, não há berço esplêndido que nos permita sobreviver aos assaltos de tamanho descaso. Do jeito em que as coisas se encontram, e sem patriotadas que nos embalem, e se tivéssemos juízo cívico, o país do carnaval, do futebol e do ouro fugidio das medalhas olímpicas seria um país de sonâmbulos. Como já foi dito tantas vezes, com medalhas ou sem glória esportiva, uma nação que se submete ao encanto de patriotismo sem substância jamais superará o papel que reservamos para nós mesmos, o de sermos um reduto para os piores canalhas.

“O analfabetismo é uma gaiola invisível” e nos

condena como país. “A escola boa para todos exige uma nova Lei Áurea, que não estava combinada”. A ausência de um projeto nacional de educação, a insensibilidade das elites quanto ao destino dos mais desvalidos, a violência que irrompe no dia a dia brasileiro e até mesmo os cartões de crédito que carregamos no bolso são semelhantes ao da escravidão — mesmo que seja por um ato de vontade, o devedor de crédito vende o seu trabalho futuro.

Admito que cheguei às últimas páginas desse romance convencido de que *Jogados ao mar* ocupará, principalmente em sua diferença, um lugar ao lado de *Dona Flor, Brás Cubas* e *Grande sertão veredas*. Afinal, e de uma maneira assemelhada ao livro de Cristovam Buarque, esses três clássicos da literatura produzida no Brasil enfrentam enigmas e impasses cruciais para a vida dos brasileiros, respectivamente a licenciosidade e a sua contenção no romance de Jorge Amado, o conformismo fúnebre que a ironia de Machado não perdoa e a ferocidade violenta que a fabulação de Guimarães Rosa se ocupou em ilustrar. Entretanto, por mais grandiosos que sejam esses ficcionistas, que arbitrariamente cito, é igualmente notória a falta deixada por outros temas centrais para o entendimento dos cinco séculos que forjaram a vida e a experiência brasileiras. Dos quais *Jogados ao mar* trata com coragem e isenção.

Meio século das relações diplomáticas Brasil – China

» GUSTAVO MENON

Docente de relações internacionais na Universidade Católica de Brasília (UCB) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam-USP)

» WAGNER IGLECIAS

Docente em políticas públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e no PROLAM-USP

Amanhã, dia 15, comemora-se meio século da retomada das relações diplomáticas entre Brasil e China. Apesar de terem laços desde a primeira metade do século 19, inclusive com missões militares e acordos de cooperação, Brasil e China não foram grandes parceiros comerciais até o início do século 21. Os dois países mantiveram relações até 1949, quando o governo brasileiro rompeu com a nascente China comunista e deslocou seu pessoal diplomático para a embaixada brasileira em Tóquio, no Japão. A retomada das relações diplomáticas ocorreu somente em 1974, em plena ditadura militar no Brasil e durante o governo de Mao Tse-Tung na China.

Aquela iniciativa ocorreu no âmbito da retomada das relações entre vários países da América Latina e Beijing, muito influenciadas pela reaproximação entre os governos da China e dos Estados Unidos, que tiveram na visita de Richard Nixon à capital chinesa em 1972 o seu gesto mais simbólico. Na mesma época, não somente o Brasil, mas também Argentina, Peru, México e Venezuela reataram laços com o país asiático.

Naquele contexto, as embaixadas do Brasil em Beijing e da China em Brasília foram inauguradas, em 1975. Aluizio Napoleão de Freitas Rêgo foi o primeiro embaixador do Brasil na nação asiática, enquanto Chang The-Chun foi nomeado pelo governo chinês para ser o embaixador em Brasília. Tais eventos marcaram o início de uma nova era nas relações diplomáticas entre os dois países, estabelecendo uma ponte para o fortalecimento dos vínculos políticos, comerciais e culturais.

Dos anos 1970 até a virada do século, Brasil e China estabeleceram diversos acordos de cooperação em áreas como educação, cultura, ciência e tecnologia. Após o fim da URSS e da Guerra Fria (1989-1991) e da prevalência dos Estados Unidos no cenário mundial, interessava ao Brasil atuar pela construção de uma ordem mundial multipolar, enquanto a China buscava avançar em sua estratégia de abertura econômica ao mundo. Não é por acaso que o gigante asiático foi admitido, em 2001, como membro da Organização Mundial do Comércio (OMC), contando com o apoio de Brasília durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Entretanto, o aprofundamento das relações econômicas entre os dois países só se intensificou a partir de 2003, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva.

A partir de 2009, a China se estabeleceu como o principal parceiro comercial do Brasil, com o comércio bilateral atingindo US\$ 36,1 bilhões naquele ano. As cifras têm mostrado um crescimento constante, alcançando US\$ 157,5 bilhões em 2023, o que representou um terço do comércio exterior brasileiro. A Parceria Estratégica Global entre as duas nações tem fortalecido diálogos cooperativos em fóruns multilaterais como G20, Basic e Brics, promovendo acordos em áreas como comércio, infraestrutura, investimentos, agricultura, energia, meio ambiente, educação, ciência e tecnologia, além de debates sobre a revisão dos mecanismos de governança global, proporcionando maior participação para as economias em desenvolvimento e abrindo espaço geopolítico ao chamado Sul Global.

Os dois países têm desenvolvido, ao longo das

últimas décadas, uma relação de complementaridade econômica: de um lado, o Brasil consolidou-se como importante fornecedor de commodities à China; de outro, a China tem sido uma exportadora fundamental de bens industrializados ao Brasil. Desde meados dos anos 2000, o Brasil está acumulando sucessivos superávits comerciais com a China, mas tem passado também por um forte processo de reprimarização de sua estrutura produtiva, tendo no parceiro asiático um mercado fundamental para o fornecimento de soja, minério de ferro, petróleo cru e proteína animal. Ao mesmo tempo, a chegada ao mercado brasileiro de um sem-número de bens manufaturados produzidos na China tem exercido forte impacto na indústria nacional, inclusive com a desestruturação de algumas cadeias produtivas.

No aniversário de 50 anos da retomada das relações entre China e Brasil, espera-se que os dois países aprofundem sua aliança estratégica e possam diversificar sua relação econômica. Investimentos chineses até agora focalizados, em grande medida, nas áreas de infraestrutura e energia poderiam, no médio e longo prazos, ser direcionados a outras áreas, como telefonia 5G e 6G, big data, cidades inteligentes e outros setores da economia brasileira, ajudando a impulsionar um potencial processo de (neo)industrialização do país. De qualquer maneira, as duas maiores nações em desenvolvimento nos hemisférios Ocidental e Oriental, Brasil e China, podem juntas abrir o caminho para a construção de uma ordem mundial multipolar de paz e com ganhos mútuos para ambas, para a América Latina e para o mundo.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Empresários do crime

Com o avanço das tecnologias e a contratação de pessoal especializado em movimentação, aplicação e lavagem de dinheiro, as organizações criminosas se transformaram em empresas multinacionais de grande porte, diversificando suas atividades, subornando autoridades e se infiltrando perigosamente na máquina do Estado dentro e fora do país.

A atuação policial, feita nos moldes antigos, já não consegue reprimir ou acompanhar de perto essas organizações, que parecem estar sempre um passo ou dois à frente. A sofisticação desses grupos ilegais atingiu um tal ponto que eles somente podem ser combatidos por meio do uso da inteligência, em investigações que reúnam o que de mais avançado existe para acompanhar não só os caminhos tortuosos do dinheiro, mas toda a movimentação de criminosos dentro e fora das fronteiras.

A existência de países fronteiriços ou próximos ao Brasil que produzem em grandes quantidades derivados de cocaína e maconha transformou o país em um dos mais importantes corredores mundiais para a exportação de drogas. Em se tratando de um produto altamente rentável e consumido em larga escala por todo o planeta, não surpreende que as diversas quadrilhas espalhadas pelo continente sul-americano disputem esse comércio com o auxílio de verdadeiros exércitos paramilitares, munidos com o que há de mais letal em armas e em treinamento de guerrilha.

A situação, por sua gravidade e amplitude, há muito deixou de ser um problema exclusivamente do nosso país. E os noticiários diários dão conta do avanço paulatino do crime organizado sobre as instituições do Estado e as atividades empresariais privadas. O leque de investimento desses grupos é diversificado, vai desde o transporte público e postos de gasolina até o financiamento e o apoio a candidatos em eleições tanto municipais quanto federais.

Nem mesmo o Judiciário tem escapado desse avanço do crime, com essas quadrilhas financiando a formação de juizes e de grupos de advogados exclusivamente devotados a proteger as suas atividades. Notícia da semana passada dá conta de que a Delegacia de Investigações sobre Entorpecentes de Mogi das Cruzes, em São Paulo, efetuou o bloqueio de mais de R\$ 8 bilhões pertencentes a esses grupos — todo esse montante diluído em empresas legais que cuidavam de lavar esse dinheiro. Trata-se de uma quantia enorme, mas que representa apenas uma pequena parte dos recursos em poder desses bandos distribuídos em diversas empresas e atividades espalhadas por todo o país.

O Centro-Oeste, que até a pouco tempo se encontrava fora da ação dessas organizações criminosas, já figura como região em que esses grupos comandam a distribuição e a venda de drogas. Não há praticamente lugar algum dentro desse país em que o crime organizado não esteja presente e fortemente atuante, inclusive em cidades do interior. As regiões Nordeste e Norte também capitularam e se encontram dominadas por quadrilhas que obedecem a uma espécie de comando central.

O mais curioso é que grande parte desse suposto comando central do crime se encontra preso em presídios de segurança máxima. Não chega a ser exagero afirmar que o quartel general do crime está localizado geograficamente dentro de presídios. São dessas instituições que partem as ordens para a movimentação de milhares de soldados dessas organizações. O entra e sai de informações nesses estabelecimentos prisionais é intenso. Todos conhecem essa realidade. As autoridades parecem nada ver. Há ainda uma vastíssima e complexa rede de informações entre os criminosos dentro e fora dessas cadeias.

É claro que, para manter todo esse aparato do crime, é necessário também o abastecimento com armas de todos os calibres, munições e até explosivos, que são comprados nas fronteiras do país, sobretudo no Paraguai. A expansão de grupos como o PCC e o CV para além das fronteiras do país fez acionar a luz vermelha no Itamaraty, preocupado com os possíveis impactos diplomáticos que a presença de brasileiros ligados ao crime podem gerar nas relações multilaterais.

Enquanto isso, dentro de nossas fronteiras, a liberação dos jogos e dos cassinos em todo o país está na reta final. Isso porque já é sabido, há muito tempo, que os cassinos lavam mais branco.

» A frase que foi pronunciada:

“Se você acredita na sorte, o azar é seu.”

Savanah, esposa de Gilberto Margon, que perdeu tudo o que tinha em cassinos.

» História de Brasília

A pista da rampa da Câmara que está interrompida em virtude da construção do anexo será liberada ao tráfego na próxima semana. (Publicada em 15/4/1962)